

6

Telefonema inesperado

Laurindo Matoso sentia-se no auge da exaltação doutrinária.

Iniciava os comentários de uma trintena de noites, que seriam consagradas a estudos sobre o dinheiro à face do Cristianismo, e exprimia-se, severo.

Lembrava a história dos grandes sovinas, relacionava os desastres morais surgidos da finança inconveniente...

— O ouro, meus irmãos — pontificava, sole-ne —, é o pai de quase todas as calamidades da Terra. Abre a vala da prostituição, gera a delinquência, incentiva a loucura e corrompe o caráter... Onde apareça a miséria, procurai, por perto, a fortuna. E' preciso temer a posse e extinguir a avareza. O dinheiro destrói o amor e a felicidade, o dinheiro enche cadeias e manicômios...

A assembleia escutava, escutava...

Entretanto, o exame do assunto permitia o debate fraterno e, porque muitos companheiros de raciocínio acordado não podiam esposar plenamente as teses ouvidas, Matoso viu-se para logo encurralado em perguntas diretas.

— Mas você não considera o dinheiro como recurso da vida? — ponderava Montes, o irmão mais velho da turma. — A direção é que vale.

Água governada faz a represa, a represa sustenta a usina, a usina cria trabalho e o trabalho é a felicidade de muita gente.

— Ora, ora! — gritava Laurindo, esmurrando a mesa — lá vem você, o filósofo espírita.

— Como assim? — sorriu o ancião prestimoso.

E Laurindo:

— Qualquer dinheiro desnecessário a quem o possui é porta aberta à demência.

— Ouça, Matoso — interferiu Dona Clélia —, imagine-se você mesmo, num catre de provação, recolhendo o amparo amoeado de algum amigo. E' impossível que você amaldiçoe o auxílio espontâneo...

— A assistência é tarefa para Governos — tergiversou o orador.

— Sim — concordou a interlocutora —, mas, por vezes, a representação dos Governos, embora respeitável, custa muito a chegar.

— E o dinheiro generoso que pode ajudar nos casos de família? — acentuou Dona Zulma. — Naturalmente, o senhor não tem, como nos acontece, um filho acusado por um desfalque no Banco. A quantia que nos foi emprestada, para salvar-lhe o nome, funcionou como bênção.

— Nada disso — protestou Laurindo, excitado. — Não houvesse o dinheiro e não surgiriam viciações. A praga dourada é que faz os defraudadores. Estudei a questão quanto pude. Em todas as civilizações, o dinheiro é responsável por mais da metade dos crimes...

A preleção seguia animada, com apartes ardentes, quando o telefone chamou Laurindo em pessoa.

O aviso procedia do recinto doméstico e, por isso, o monitor não conseguiu esquivar-se.

Ao telefone processou-se o seguinte diálogo:

— E' você, Laurindo?

— Sim, sim.

— Olhe — informava a esposa distante —, um portador chegou agora...

— Que há? — inquiriu Matoso, austero e preocupado.

— Meu avô morreu e deixou-nos todos os bens... A fazenda, os depósitos, as apólices... Venha!... Precisamos combinar tudo. E' muito problema por decidir, mas creio que a herança nos libertará de todo cuidado material para o resto da vida...

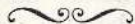
— Bem, filha — e a voz do Matoso adocicou-se, de inesperado —, vou já...

Logo após, algo atarantado, pediu desculpas, alegando que precisava sair.

— E o final da palestra? — disse Osvaldo Moura, um amigo que acompanhava as instruções, empunhando notas.

— Temos o mês inteiro para discutir o temário — explicou o orador. — O dinheiro é o flagelo dos homens. E' imperioso guerreá-lo sem tréguas. Continuarei amanhã...

Os dias se passaram e, por mais solicitado ao regresso, Laurindo nunca mais voltou...



7

Servir mais

Efraim ben Asséf, caudilho de Israel contra o poderio romano, viera a Jerusalém para levantar as forças da resistência, e, informado de que Jesus, o profeta, fora recebido festivamente na cidade, resolveu procurá-lo, na casa de Obede, o guardador de cabras, a fim de ouvi-lo.

— Mestre — falou o guerreiro —, não te procuro como quem desconhece a justiça de Deus, que corrige os erros do mundo, todos os dias... Tenho necessidade de instrução para a minha conduta pessoal no auxílio do povo. Como agir, quando o orgulho dos outros se agiganta e nos entrava o caminho?... quando a vaidade ostenta o poder e multiplica as lágrimas de quem chora?

— E' preciso ser mais humilde e servir mais — respondeu o Senhor, fixando nele o olhar translúcido.

— Mas... e quando a maldade se ergue, espreitando-nos a porta? que fazer, quando os ímpios nos caluniam à feição de verdugos?

E Jesus:

— E' preciso mais amor e servir mais.

— Senhor, e a palavra feroz? que medidas tomar para coibi-la? como proceder, quando a boca